



MARTINS, Albano, *Poemas de Retorno*, Centro Cultural do Minho, 1989

FRANCISCO SOARES *

A poesia é uma forma de verdade na medida em que nela vejamos um tipo de conhecimento próprio. O lugar da crítica é o da transposição desse género de pensamento poético, para um texto redigido por um raciocínio regulado por uma razão exegética (daí o lugar das técnicas de análise). Esse texto é, pois, filosófico na medida em que se organiza como tal, pressupondo, como dissemos, um raciocínio extra-poético. Mas a verdade que foi dita poeticamente, só pode ser assim revelada; o crítico faz apenas a comparação das verdades poéticas e das outras verdades allcerçando-se num raciocínio de tradutor, o tipo de abordagem crítica mais autêntico será necessariamente criacionista. Quer dizer: o crítico recria filosoficamente uma percepção peculiar de uma verdade poética, uma vez que só poderia reproduzi-la exactamente na sua formulação poética. Fã-lo pois, instrumentalizando certas técnicas heurísticas orientadas por um pensamento racional e totalizante acerca daquilo a que chamamos realidade.

Esta face dupla do sujeito crítico, já tão pobremente glosada a partir de referências teóricas estrangeiras, encontra fundamento na filosofia portuguesa desde, pelo menos, o começo do século XX. Trata-se, afinal, de negar o "imperialismo" do sujeito ou o "imperialismo" do objecto, no processo de conhecimento, para afirmar a total autenticidade criativa dos dois. É dessa maneira que desejamos também falar aqui do livro "Poemas do Retorno", de Albano Martins. A preferência por este livro deve-se ao facto de nele se fazer uma distribuição textual, que nos parece orientada por um critério que nos entusiasma particularmente. Falamos da consciência que tem o poeta sobre o significado da circunstancialização ou tematização dos assuntos por ele focados, principalmente ao nível das referências.

Uma Poesia construída por enunciados universais ou totalizantes, exclusivamente, é uma Poesia da verdade essencial e a própria Poesia na sua essência. Trans-situada, ela assemelha-se, fortemente, aos aforismos. Estes, mesmo quando referem situações e comportamentos que nos pareçam específicos, fazem-no típicamente e sem denunciarem a situação enunciativa na qual os aforismos se produzem.

Os enunciados aforísticos tendem, portanto, a constituir-se como enunciados universais (no sentido que lhes dá Karl Popper na *Lógica da Pesquisa Científica*). Nesses enunciados, a circunstância para nada signífica ou interessa. Não se diz quem fala, onde, quando,

* Docente da Universidade da Évora

porque, para que e para quem, como, em que condições, etc.; não se restringe a validade do que se afirma a qualquer ocasião particular. Diz-se o que é, somente: eis "a poética" do aforismo. Ele concentra-se numa verdade válida por si mesma e transcendental à sua inserção nos mais variados contextos.

O percurso poético do livro que vimos referindo vem descrever-nos, a par da viagem "diegética" do autor e numa pluralência, mais que ambiguidade, própria da sua Poesia - vem-nos descrever essa concentração temática a partir de circunstâncias bem marcadas textualmente. Assim, a própria narratividade latente nos primeiros poemas vai desaparecer aos poucos, numa sequência de recuos e avanços, até chegarmos ao que poderíamos apelidar a perfeição temática do livro no derradeiro poema: "Pássaro de barro./Canto desplumado."

Ressalte-se que o livro contém dez poemas apenas, um número que nos recorda, pela sua constância nessa obra, os Lusíadas. Trata-se, de facto, de uma quase epopeia da Poesia, caminhando a partir do mundo para a sua essência de máscara no sentido antigo: persona.

A derivação da palavra Poesia a partir do verbo "polew", que significava compôr e criar, fabricar, permite-nos defini-la no seio das outras artes como composição e criação da palavra. Para a distinguirmos dos outros discursos, a diferença fica marcada naquela preposição "de", pois os outros discursos constroem algo pela palavra, mas não a própria palavra. Possuem, pois, os outros discursos, um princípio que os orienta e é exterior à linguagem, ao contrário da Poesia, na qual a linguagem é a única medida. Por ser isso dessa forma é que surge no discurso poético uma radical abertura da significação.

Para se dar esta abertura, ou para que ela não deixe de se dar, é necessária uma ascese poética, para libertar o sujeito em relação a si próprio, libertando o poema da marca individualizadora da circunstância biográfica ou social. Isso implica, pois, uma global transcendência do "eu" (que leva com ele todo o mundo). Quando o poeta se situa nessa expressão livre de verdade (poética) ele reencontra, portanto, a essência da sua própria condição e a poesia resulta mais autêntica, mais intraduzível. Cremos ser esta a experiência, a ascese e o êxtase poéticos encontrados por Albano Martins no livro de que falamos. Um dos pensamentos possíveis por tal obra suscitados é, pelo menos, esse. E os outros talvez não digam respeito à Poesia...